

Quando a cidade ensina: arte pública como ferramenta de inclusão educacional

When the City Teaches: Public Art as a Tool for Educational Inclusion

Rosely Kumm¹ (PPGA-UFES)

Resumo: Visando o melhor desenvolvimento e a valorização do ser humano sob diversas perspectivas sociais, esta pesquisa se insere num contexto de estudo e reflexão sobre as possibilidades de aprendizagem e inclusão, especialmente no que tange à experiência perceptiva de pessoas com deficiência em relação a arte pública e a cultura local. Diante disso, foram desenvolvidas propostas arte educativas, adaptadas e multissensoriais, que propõe uma abordagem integrada às percepções sensoriais como elementos essenciais na construção do conhecimento artístico, para serem experimentadas com o público de usuários da APAE do município de Domingos Martins. A pesquisa se insere dentro dos estudos realizados no Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes – LEENA/UFES, sobre arte pública capixaba, que se estende para um estudo de caso, combinado a observação participante e entrevistas com os usuários da APAE.

Palavras Chaves: arte e inclusão; arte pública; percepção sensorial.

Abstract: Aiming at the better development and appreciation of the human being from various social perspectives, this research is situated within a context of study and reflection on the possibilities of learning and inclusion, especially concerning the perceptual experience of people with disabilities in relation to public art and local culture. In this context, adapted and multisensory art-educational proposals were developed, promoting an integrated approach to sensory perceptions as essential elements in the construction of artistic knowledge. These proposals were designed to be experienced by the users of APAE, in the municipality of Domingos Martins. The research is part of the studies conducted by the Extension and Research Laboratory in Arts – LEENA/UFES, on public art in Espírito Santo, and extends into a case study combined with participant observation and interviews with APAE users.

Keywords: art and inclusion; public art; sensory perception.

DOI: <https://doi.org/10.47456/anwk8453>



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](#)

¹ Artista plástica, arte educadora e pesquisadora capixaba. Sua carreira é marcada por uma abordagem interdisciplinar, conectando a arte a diversas áreas do conhecimento humano. Atualmente, Rosely é mestrandona Programa de Pós-graduação em Artes da UFES e pesquisadora no Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes – Leena/Ufes. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-9799-0405>.

Introdução

A paisagem cotidiana é composta por características subjetivas que se formam por meio da interação sensível entre os indivíduos e o espaço urbano. Segundo Javier Maderuelo, a paisagem pode ser compreendida como um constructo de elementos que integram diversas variáveis sensíveis, psicológicas e afetivas, que são elaboradas na mente humana por meio de fenômenos culturais, históricos e contextuais (Maderuelo, 2006, p. 17). Essa interação reflete aspectos particulares de ser, viver e estar no mundo, revelando elementos simbólicos de uma cultura específica. Tais elementos evocam memórias, identidades culturais e dinâmicas sociais que evoluem e se adaptam com o passar do tempo, enquanto são transmitidas de geração em geração, evidenciando que se trata de um processo híbrido e dinâmico.

A arte pública, inserida nesse contexto, é uma representação da cultura local que não só dialoga com os elementos da paisagem local, mas também os celebra ou adverte. A arte pública visa aproximar a arte dos cidadãos, usando meios, linguagens e formas que sirvam para o seu uso, prazer e/ou instrução, criando um palco imersivo para o encontro entre o passado e o presente, o individual e o coletivo. Conforme José Pedro Regatão:

Um dos aspectos que melhor caracteriza a arte pública é precisamente o carácter universal do seu envolvimento com o público, na medida em que se dirige a toda a sociedade e não apenas a um segmento específico, como geralmente se observa nos lugares institucionais da arte, e por isso participa diretamente no quotidiano social através dos locais de convívio e lazer que integram a própria paisagem urbana (Regatão, 2015, p. 69).

A partir disso, a relação entre a arte pública e paisagem pode ser captada como uma experiência envolvente, na qual seus elementos são perceptíveis não apenas pela visão, mas considerando os cinco sentidos humanos, que são capazes de desencadear memórias afetivas, o que contribui para a construção gradual de seu sentido espacial. Conforme o pensamento de Diane Ackerman, em “Uma história natural dos sentidos” (1996), a experiência sensorial possui papel fundamental na percepção de

si, mediante a apreciação dos ambientes. Por meio dos sentidos, é possível detectar aspectos sensíveis que caracterizam os lugares, como por exemplo o cheiro, detectado pelo olfato, que está intimamente ligado às memórias e permite não apenas reconhecer e diferenciar os espaços, mas também criar relações afetivas e emocionais com eles. Não somente o olfato, mas cada sentido físico do corpo oferece uma dimensão única que, quando integrada com os demais, permite vivenciar o mundo de maneira mais completa, considerando a riqueza e a profundidade das experiências sensoriais e valorizando a interação entre os seres humanos e o ambiente. Segundo a autora, “os sentidos definem os limites da consciência, e, como já nascemos explorando e questionando o desconhecido, passamos grande parte de nossas vidas nessa volátil região (Ackerman, 1996, p. 15-16). Essa abordagem vai além da simples visualização de um espaço, e sugere uma interação dinâmica entre o corpo e o ambiente, integrando sons, cheiros, sabores, texturas e emoções associadas a um lugar. Em “Fenomenologia da Percepção”, Maurice Merleau-Ponty argumenta que o corpo é consciente e representa uma fonte de conhecimento que se articula com a mente, por meio dos cinco sentidos, contribuindo na construção de significado e dando sentido ao mundo em que vivemos. Para o autor “o corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, formando assim um sistema” (Merleau-Ponty, 2006, p. 273). As capacidades de ver, sentir, ouvir, cheirar e provar proporcionam os meios pelos quais se realiza uma interação sensível entre sujeito e o ambiente. Essa interação, no entendimento de Merleau-Ponty, revela que o conhecimento não é apenas uma atividade cognitiva dissociada da experiência corporal, mas sim uma construção integrada que envolve o corpo como mediador entre o sujeito e o mundo, ou seja, o indivíduo também aprende através dos sentidos.

Ao direcionar esse contexto para a área da educação inclusiva, a arte desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano, pois facilita a comunicação e permite que o indivíduo expresse sua concepção

de mundo, seus sentimentos, habilidades sensoriais e corporais, além de possibilitar a aquisição de novos conceitos de forma lúdica e acessível. Nesse sentido, Sara Vasconcelos Cruz afirma que “a percepção sensorial permite que haja uma ampliação do contato com a obra de arte, que acrescenta ao seu apelo visual percepções tátteis, olfativas, sonoras e gustativas. O respeito à diversidade também se dá pelo respeito às diversas percepções” (Cruz, 2017, p. 45). Assim, estimular diferentes canais sensoriais, pode promover engajamento nos educandos, respeitando suas singularidades e ampliando as possibilidades de expressão, comunicação e significação. Assim, o espaço educativo transforma-se em um ambiente vivo, que desperta memórias, afetos e sentidos, favorecendo uma aprendizagem mais inclusiva, integral e significativa.

Diferente de uma contemplação puramente visual, a prática desenvolvida nesta pesquisa convida à imersão sensorial usando como referência a arte pública, ou seja, propõe que o toque de diferentes materiais, a lembrança do olfato estimulado por cheiros que se misturam ao ambiente, a memória da escuta atenta aos sons que ecoam no entorno, e até o paladar, que se envolve em experiências culturais e comunitárias, também sejam acionados durante a prática de arte educação. Esses estímulos acionam camadas de percepção que integram passado e presente, subjetividade e coletividade, corpo e território. Assim, a paisagem deixa de ser apenas um pano de fundo visual e passa a ser vivida de maneira plena. Essa mediação, ativadora dos sentidos, favorece o reconhecimento do lugar não só como um espaço físico, mas como um campo de significados, memórias e afetos compartilhados.

Para a pessoa com deficiência (assim como para qualquer outra), a arte pode ser uma poderosa ferramenta de cognição e expressão, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida, ao abrir caminhos que favorecem o desenvolvimento integral. Como destaca a Federação Nacional da APAE (2018), a inclusão social não apenas amplia as oportunidades de participação, mas também cria condições favoráveis para que a pessoa com deficiência possa explorar seu potencial de forma plena e digna

(FENAPAES, 2018, p. 72). Nesse contexto, a arte sempre se manteve presente nas escolas especiais da Rede APAE, sendo capaz de transpor barreiras e quebrar paradigmas, propondo possibilidades de construções estéticas e expressivas por meio de experiências significativas que refletem no contexto sociocultural do indivíduo. Desde as primeiras experiências registradas nas décadas de 1950, a arte se destaca como um componente fundamental na educação dos usuários da rede APAE, ocupando um papel de relevância no Movimento Apaeano, conforme veiculado pela Federação:

[...] na primeira APAE, criada em 1954, no Rio de Janeiro, ao que indicam as informações, eram desenvolvidas atividades artísticas tais como dança, coral, banda rítmica e artes plásticas, voltadas, sobretudo, para as comemorações cívicas ou sociais (FENAPAES, 2001, p. 16).

Por meio da arte educação, a pesquisadora Ana Gama (2021) destaca que é possível proporcionar experiências sensoriais e emocionais que abrem um espaço para a reflexão, promovendo o autoconhecimento e ampliando a percepção do mundo. Quando utilizada de forma estratégica, a arte oferece um meio eficaz para incluir diversos grupos sociais (por vezes marginalizados), de modo que suas vozes possam ser ouvidas e seus desafios visibilizados. Nesse sentido, mais do que uma prática estética, a arte se configura como um instrumento de transformação social capaz de romper barreiras e criar espaços de diálogo inclusão e, por conseguinte, de desenvolvimento comunitário (Gama, 2021, pp. 151-152).

Diante disso, o presente estudo – que se insere dentro das pesquisas desenvolvidas no Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes, Leena/Ufes – procura refletir sobre a maneira com que as pessoas com deficiência experienciam e interpretam o ambiente em que estão inseridas, considerando a paisagem, a arte pública e a cultura local. Por meio de contexto de estudo e reflexão, desenvolvemos propostas de arte educação adaptadas e multissensoriais, para serem experimentadas com usuários da APAE do município capixaba de Domingos Martins. Para alcançar esses objetivos, seguimos uma metodologia que se fundamenta

em três etapas: a primeira num levantamento sobre o estado da arte no contexto da educação inclusiva, arte pública. A coleta de dados foi realizada durante as dinâmicas de mediação, com propostas de arte educação, e entrevistas com os usuários, e os profissionais. Por fim, uma análise entre as percepções das atividades e o diálogo proposto com os usuários, para compreender o impacto dessas ações na percepção e valorização da arte pública presente na comunidade.

Novos caminhos para abordar arte pública na educação inclusiva

A inclusão de pessoas com deficiência, numa perspectiva de integração plena e de igualdade de oportunidades, constitui um desafio à sociedade contemporânea. Apesar da propagação de políticas e ações afirmativas em defesa aos direitos de pessoas com deficiência, estas ainda encontram inúmeros desafios que envolvem não apenas a adaptação de obstáculos físicos e arquitetônicos, mas, sobretudo, a desconstrução de modelos sociais excludentes, que ainda predominam em diversos contextos. Isso implica rever práticas, linguagens e estruturas institucionais que historicamente marginalizaram essas vozes, criando condições efetivas para que a cultura seja vivida e transformada por todos. Apesar do acesso à educação e à cultura serem garantidos à pessoa com deficiência pela Lei nº 13.146 (Brasil, 2015), na prática, essa garantia requer a efetivação de ações que considerem as singularidades de cada sujeito, com adaptações sensoriais e metodológicas que favoreçam uma participação plena, ativa e significativa nos espaços educativos e culturais. Segundo Cirillo, Belo e Celante, “o acesso público da Arte Pública não é necessariamente sinônimo de acessibilidade. Fazem-se necessárias diversas ações públicas e dos diferentes setores da sociedade para que o conceito de acessibilidade às obras de escultura nos espaços coletivos das cidades seja inclusivo no sentido pleno do termo” (Cirillo; Belo; Celante, 2024, p. 11).

Acessibilidade está intimamente ligada à justiça social, pois busca quebrar barreiras, sejam elas físicas, comunicacionais ou sociais, permitindo que a cidadania seja exercida de forma integral por todos os indivíduos, sem distinção. Conforme a pesquisa de Amanda Tojal, a compreensão de uma cultura possibilita o reconhecimento da identidade de um povo ou de uma nação, como também possibilita o reconhecimento da diferença, de quem somos perante a diversidade do outro. Assim, o seu reconhecimento conduz para uma maior abertura para a compreensão do outro e sua relação com a sociedade, e possibilita melhores relações de tolerância. Por outro lado, a compreensão desses fatores frente às diferenças culturais existentes na sociedade, frequentemente, são a causa para a exclusão social, marginalização, violência, confrontos e guerras (Tojal, 2007, p. 79).

A propagação de políticas e ações afirmativas referente a questão da inclusão da pessoa com deficiência e a acessibilidade compreende aspectos muito mais abrangentes que apenas facilitar o acesso físico à locais e situações. Isso requer opções que estimulem vivências, conhecimentos e experiências artísticas e educativas. Para tanto, o desenvolvimento de práticas arte educativas multissensoriais, conduzidas por profissionais da arte e mediadores culturais, pode desempenhar um papel importante no estímulo às habilidades e à expressão de pessoas com deficiência. Atualmente, as metodologias de apoio à educação patrimonial transpassam a simples informação e passam a propor experiências imersivas, lúdicas e interativas, com o propósito de se conectar com os diversos públicos que transitam nos espaços públicos.

Como destaca Ana Mae Barbosa, “não se alfabetiza fazendo apenas a criança juntar as letras. Há uma alfabetização cultural sem a qual a letra pouco significa. A leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar ao mundo da leitura verbal” (Barbosa, 2004, pp. 27-28). A compreensão do mundo, nesse sentido, passa também pela leitura estética, social e cultural do ambiente, permitindo ao sujeito desenvolver uma percepção mais ampla de si e do outro. No contexto da APAE, ao proporcionar

experiências sensoriais voltadas para percepção da arte pública e a cultura local, tais práticas arte educativas podem se tornar instrumentos de inclusão, comunicação e desenvolvimento integral.

Práticas artísticas de mediação sensorial na APAE

A APAE nasceu no Brasil em 1954, primeiramente no Rio de Janeiro, posteriormente se consolidou em todo território nacional, sendo independente das instituições formais de ensino, mantendo os princípios originais de apoio e assistência à pessoa com deficiência e sua família. Ela se caracteriza por ser uma instituição de cunho social, cujo objetivo é promover a atenção integrada à pessoa com deficiência intelectual e múltipla, independente da faixa etária ou classe social. Assim, seu campo de atuação se estende para além dos serviços de educação, saúde e assistência social, construindo uma rede de efetivações em defesa dos direitos da pessoa com deficiência. As filiais da APAE são espaços de apoio que oferecem atendimento nas diversas áreas clínicas, sociais e psicológicas, tanto a pessoa com deficiência, quanto a familiares, além de práticas educativas e lúdicas que combinam atividades cotidianas de caráter sensório motor com práticas que estimulam a expressão pessoal. Dentre essas atividades, a prática artística pode ser considerada uma ferramenta interessante para motivar o desenvolvimento de habilidades criativas. Para o desenvolvimento desta pesquisa, essas práticas estão sendo observadas na região serrana capixaba, em particular na cidade de Domingos Martins.

Nossa pesquisa de campo se iniciou pelo acompanhamento das atividades na sala de Arte Terapia, na qual foi possível identificar um quadro variado de usuários com deficiências motoras, psíquicas e síndromes como Down e Espectro Autista. Logo, é importante ressaltar que, diante de um público diverso, a oportunidade de trabalhar com diferentes habilidades e potencialidades fez com que essa pesquisa pensasse em propostas adaptadas de forma mais abrangente, de modo que todos pudessem participar.

A primeira proposta apresentada aos usuários da APAE foi uma ilustração representando a Praça Arthur Gerhardt e a obra pública “Os Dançarinos”, do capixaba Hipólito Alves. O objetivo desse trabalho era localizar geograficamente a principal temática da pesquisa e promover uma leitura de imagem, uma vez que a APAE ainda não dispõe de um projetor de imagem. Composta por duas partes, a proposta apresenta a obra pública “Os Dançarinos” como elemento referencial que compõe a paisagem da Praça de Domingos Martins. Uma parte é composta por outro desenho em aquarela, representando a praça, sem o monumento, ou seja, faltando esse elemento na paisagem. A segunda parte é outro desenho, desta vez feito com marcador permanente sobre papelão, representando a obra “Os Dançarinos”, cujos espaços em torno da “obra” foram vazados/cortados com a tesoura, desprendendo o monumento da paisagem na qual foi instalada.



Figura 1: Proposta de sobreposição para leitura de imagem do monumento “Os Dançarinos” e sua inserção na Praça Arthur Gerhardt. São três imagens. Da direita para a esquerda, a primeira é uma ilustração em aquarela da Praça com a Igreja ao fundo. A segunda, um desenho de caneta nanquim em papel cartão marrom representando o monumento, com o fundo vazado, ou seja, sem a paisagem da praça. A terceira imagem demonstra a sobreposição dos dois trabalhos. Fonte: Acervo da pesquisadora.

Os dois desenhos foram apresentados aos usuários individualmente e sobrepostos, conforme a dinâmica de leitura de imagem. A princípio, iniciamos um diálogo sobre a paisagem da cidade e da praça (que abriga

a maior parte dos monumentos públicos do município) para então apresentar o desenho representando o monumento "Os Dançarinos". Por se tratar de uma proposta artesanal, houve um instante de interesse sobre o desenho, sua autoria, e o material que gerou a necessidade/impulso de tocar, sentir e introduzir os dedos nos espaços vazados do desenho. Após esse momento, novamente retomamos o diálogo através da seguinte pergunta:

– Você já viu esse monumento? Onde ele fica?

Num segundo momento, foi apresentada a aquarela da praça com a pergunta:

– Você reconhece essa paisagem? Sente falta de alguma coisa?

A maioria das respostas foram positivas, identificando imediatamente o lugar:

– Sim, já estive nesse lugar!

– É na pracinha da cidade.

A partir dessa prática de leitura e identificação da imagem, em outro momento, foi proposta uma atividade de construção de uma fotocolagem. Essa tarefa envolvia associar imagens do monumento "Os Dançarinos" e de outros monumentos da Praça Arthur Gerhardt com outras imagens de revistas e jornais que representassem elementos identificados pelos participantes como parte da paisagem da praça, com a qual eles tiveram contato. A ideia era criar uma "paisagem pessoal" que refletisse a experiência sensível de estar nesse espaço. A atividade buscava evidenciar elementos que evocaram memórias afetivas, como caminhar pela praça com alguém especial, em uma data significativa, comer pipoca, observar as pessoas, brincar junto e apreciar os monumentos públicos. O resultado dessa colagem foi fotografado com o celular, impresso em papel fotográfico e novamente levado para a APAE e entregue aos usuários. A partir de um diálogo sobre as impressões dos usuários referente a experiência da prática artística, as fotocolagens foram expostas no corredor da instituição por um curto período, para então serem levadas pelos usuários para casa, como presente.



Figura 2: Processo de criação da proposta de fotocolagem. São três imagens. Da direita para esquerda a primeira imagem apresenta um usuário da APAE mostrando sua produção para a mediadora. A segunda imagem apresenta a mão de uma criança sob o próprio trabalho. E a última apresenta a mesa cheia de materiais durante a dinâmica de construção dos trabalhos. Fonte: Acervo da pesquisadora.

Através do processo artístico direcionado para a esfera patrimonial, também foi proposto a confecção de um brinquedo óptico representando a obra “Os Dançarinos”. Um brinquedo óptico é um dispositivo que, quando posto em movimento, é capaz de criar uma ilusão de ótica com base nas imagens que carrega consigo. Fundamenta-se na teoria da persistência da visão, ou seja, na fração de segundos em que a imagem permanece na retina. A proposta do disco, confeccionada de maneira artesanal pela autora, traz de um lado a figura feminina da obra pública “Os Dançarinos” e, do outro, a figura masculina. Nesse sentido, quando o disco é posto em movimento, cria a impressão de que os dois personagens estão dançando juntos.

O Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes (LEENA), situado no Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), ligado ao programa de Pós-Graduação em Artes, constitui um núcleo dedicado ao estudo e à investigação acadêmico. A equipe de pesquisadores do LEENA tem se dedicado a disseminar conhecimento com intuito de preservar a arte pública do Espírito Santo. Nesse sentido, os

pesquisadores, inspirados no jogo conhecido como “ligue os pontos”, desenvolveram uma proposta arte educativa semelhante ao jogo, porém com base no monumento “Os Dançarinos”.



Figura 3: Imagens dos usuários da APAE experimentando com o disco óptico. São três imagens. Da esquerda para a direita, a primeira mostra uma criança que terminou de montar seu disco e está tentando rodá-lo. Na segunda podemos ver em primeiro plano as mãos de uma criança rodando seu disco, enquanto ao fundo outras crianças ainda estão no processo de construção. A terceira imagem apresenta uma criança colorindo o personagem feminino de um dos lados do disco. Fonte: Acervo da pesquisadora.

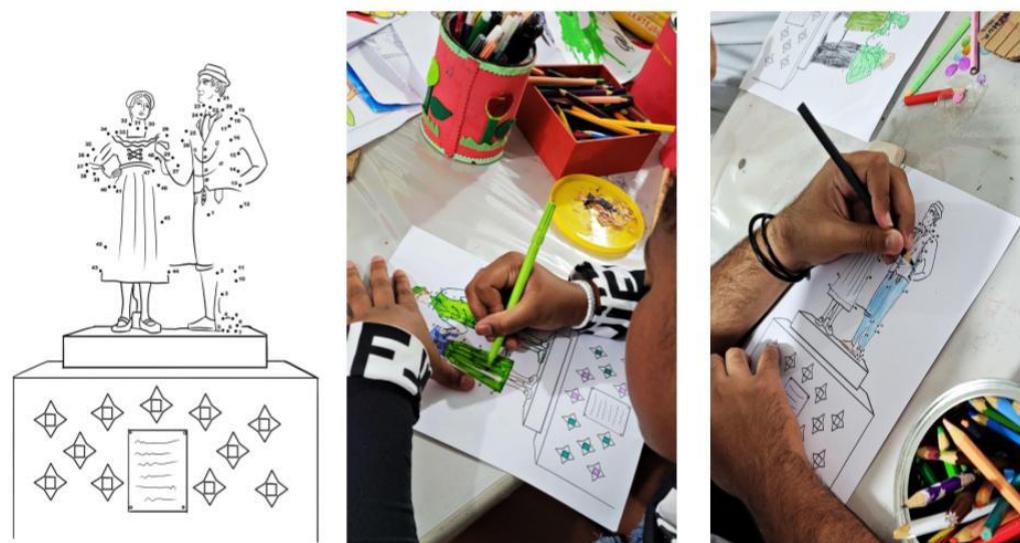


Figura 4: Imagens da proposta “ligue os pontos: Os Dançarinos” do pesquisador Nathan Vilete Lopes dos Santos. Novamente, uma composição com três imagens. A primeira da proposta do “ligue os pontos” original e as demais mostram o processo de compor a figura e colorir. Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Além de jogos e propostas para colorir, o Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes também desenvolve peças em 3D, jogos de tabuleiro e miniaturas dos monumentos públicos do estado do Espírito Santo para compor práticas arte educativas voltadas para educação patrimonial. Dentre diversos trabalhos, também são desenvolvidas propostas para adaptar a informação visual ao público com baixa visão ou cegos. Na ausência de um sentido, na maioria dos casos, é possível obter as informações por meio de outro sentido sensorial, naquilo que chamamos de multissensorialidade. Ao estimular a percepção por meio do olfato e do paladar, do tato e da audição, é possível desenvolver propostas arte educativas utilizando texturas perceptíveis aos sentidos remanescentes da pessoa com deficiência visual para observação háptica e representação expressiva.

Dentre diversas peças impressas pelos pesquisadores, uma em alto relevo do monumento “Os Dançarinos” foi apresentada pela pesquisadora aos usuários da APAE, especialmente a uma menina deficiente visual. A dinâmica de apresentação da proposta se iniciou com a leitura tátil da imagem representada na peça, acompanhada de uma narrativa histórica com aspectos que compõem a obra, localização e sua relevância histórica. A menina relatou que conhecia a praça, mas que não sabia da existência da obra. Ao fazer a leitura háptica da peça e reconhecer a posição dos personagens e os detalhes da vestimenta, ela se identificou com a temática, pois também é uma dançarina integrante do grupo de dança folclórica alemão chamado *Überwinden* (superação) composto por usuários da APAE de Domingos Martins.²

² O projeto do grupo de dança *Überwinden*, é uma iniciativa da propria APAE do município para adaptar as danças folclóricas de origem alemã aos dançarinos usuários da APAE, levando em consideração as especificidades de cada corpo. Essa iniciativa tem se mostrado relevante para desmistificar estigmas sociais, e permitir que o público PCD ocupem os palcos, as plateias e os espaços culturais de maneira ativa e significativa no município.



Figura 5: Leitura tátil de uma peça de impressão 3D representando “Os Dançarinos”. São duas imagens. Da esquerda para a direita, a primeira imagem mostra as mãos de uma menina negra fazendo a leitura tátil de uma peça em alto relevo de cor branca. A segunda imagem apresenta a peça 3D que foi usada na prática da imagem anterior.

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Considerações finais

Por intermédio das práticas educativas propostas até o momento, os usuários foram convidados a explorar e interpretar o patrimônio cultural em seu contexto urbano. Isso promoveu diversos diálogos entre os indivíduos e o espaço público, incentivando a apreciação e o entendimento das narrativas históricas e sociais embutidas nas obras de arte e nos monumentos. As práticas educativas realizadas na APAE, até aqui descritas, têm demonstrado que a arte pública pode representar um recurso pedagógico valioso para a educação inclusiva. Sua natureza acessível, que facilmente pode levar ao engajamento, tem promovido a inclusão social e cultural. Durante as sessões de mediação, quando a mediadora facilitou o compartilhamento de experiências entre os participantes, emergiram narrativas pessoais que evocavam memórias afetivas. Diante disso, é possível deduzir que as memórias compartilhadas durante o atendimento na sala de arte terapia podem conectar os usuários da APAE com sua comunidade, celebrando a cultura e a história locais. Para tanto, também podemos novamente reafirmar que as pessoas com

deficiência são integrantes essenciais da sociedade, compartilhando e enriquecendo o patrimônio coletivo com suas próprias memórias. Oficinas que integram materiais com diferentes texturas, formas, imagens e suportes, por exemplo, despertam a curiosidade e favorecem a construção de vínculos afetivos com o conteúdo, como também potencializam sua autonomia e protagonismo. Ao privilegiar a experiência concreta e sensorial, essas práticas se afastam de modelos tradicionais e padronizados, abrindo espaço para um fazer educativo mais acolhedor, de modo que cada sujeito é reconhecido em sua totalidade. Ao reconhecer o corpo com todos os seus sentidos, este se torna um território de expressão e experimentação criativa, ampliando as possibilidades de participação ativa no processo de ensino-aprendizagem.

Referências

- APAE, Federação Nacional. **Arte, cultura, educação e trabalho:** proposta orientadora das ações. Brasília, 2001. Disponível em:
https://feapaesp.org.br/material_download/122_arte_cultura_e_educacao%202000%20FENAPAEs.pdf. Acesso em: 25 abr. 2025.
- APAE, Federação Nacional. **Documento norteador Arte:** Ações Norteadoras de Arte nas Unidades Educacionais da Rede Apae. Brasília, 2017.
- ACKERMAN, Diane. **Uma história natural dos sentidos.** Trad.: Ana Zelma Campos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte.** Ed.: Perspectiva - 5^oed. São Paulo - SP, Brasil. 2004.
- BELO, Marcela; CELANTE, Ciliane; Aparecido José, CIRILLO. Olhares possíveis sobre acessibilidade: fruição e memória da cidade. **Revista Largo das Belas-Artes:** Arte, Património e Acessibilidades, v. 04, n. 04. Universidade de Lisboa, pp. 10-19, dez. 2024. Disponível em:
<https://sites.google.com/edu.ulisboa.pt/encontros-largo-belas-artes/revista-largo-das-belas-artes>. Acesso em: 22 mai. 2024.
- CRUZ, Sara Vasconcelos. **Travessia dos sentidos:** estratégias de mediação multissensorial e inclusiva no Sobrado Dr. José Lourenço em Fortaleza. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

GAMA, Ana. **A Arte como ferramenta de inclusão social e desenvolvimento comunitário:** alguns programas. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa – CIED: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais/Escola Superior de Educação de Lisboa, pp.151-155, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/14711?mode=full>. Acesso em: 23 abr. 2025.

MADERUELO, Javier. **El paisaje:** génesis de un concepto. Madrid: Abadá, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Trad.: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

REGATÃO, José Pedro. Do monumento público tradicional à arte pública contemporânea. In: **Convocarte** – Revista de Ciências da Arte, n. 1, Arte Pública, pp. 66-76, 2015. Disponível em: http://convocarte.belasartes.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2015/12/Convocarte_1_site.pdf. Acesso em: 26 abr. 2025.

TOJAL, Amanda. **Políticas públicas culturais de inclusão em ambientes de museu.** Tese de doutorado. - São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade Federal de São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-19032008-183924/pt-br.php>. Acesso em: 25 abr. 2025.

Recebido em: 28 de abril de 2025.

Publicado em: 27 de junho de 2025.